

Reflectir a Barca

Do Imaginário Social

Pedro Rodrigues Costa

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Pedro Daniel Rodrigues da Costa

TÍTULO: Reflectir a Barca - Do imaginário Social

AUTOR: Pedro Daniel Rodrigues da Costa

REVISÃO EDITORIAL / FORMATAÇÃO GRÁFICA:
Pedro Daniel Rodrigues da Costa

IMAGEM DA CAPA: Fotografia sobre a vila de Ponte da Barca. Autoria de: Adega Cooperativa de Ponte da Barca - <http://loja.vinhoverde.pt>.

DESIGN CAPA: Nuno Ferreira

1.ª EDIÇÃO

LISBOA, 2011

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Agapex

ISBN: 978-989-97263-0-7

DEPÓSITO LEGAL: 324755/11

© Pedro Daniel Rodrigues da Costa

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2, Porta C — 1700-116

Lisboa

www.sitiodolivro.pt

Índice

Notas do Autor	9
Prefácio	13
Introdução	19

Parte I

Do imaginário social do espaço e do tempo

1. Da passagem	25
2. Da pequenez	49
3. Da velocidade da lentidão	71

Parte II

Do imaginário social do Poder

1. Do poder político	93
2. Entre o imaginário do religioso e do mágico	115
3. Do poder do povo	131

Parte III

Do imaginário social da Ruralidade

1. Dos <i>media</i> locais	143
2. Do rural e do urbano	153
3. Da simbologia do concelho	167

Reflectir a Barca para 2020	173
Considerações finais	183
Bibliografia	189

Notas de autor

Pretendo, com este pequeno livro, erguer uma discussão séria sobre o desenvolvimento cultural e social em Ponte da Barca e em todo o Minho. Para isso, é fundamental que este livro chegue à maioria dos barquenses em particular e minhotos em geral, e seja lido e compreendido não como uma realidade fatalista mas sim como um sinal de optimismo e esperança, permitindo a auto-reflexão para que se melhorem alguns aspectos sociais e culturais locais.

Todos os livros têm o seu propósito. O propósito deste é o de tentar mostrar o lado mais subtil da vida na sociedade barquense, o imaginário que povoa estas terras do Minho e que não deixa ninguém incólume. Portanto, o assunto deste livro diz respeito a todos os minhotos. Os dados analisados, sejam estatísticos ou exemplos do quotidiano, pretendem mostrar a dinâmica social daqui, uma dinâmica que caracteriza o barquense em particular, e o minhoto em geral, e de certa forma o diferencia dos indivíduos dos outros locais. Procurei, por isso, traços da identidade barquense, tentando manter sempre uma certa «distância de observação» (Levi-Strauss) para não enviesar a análise.

Uma das grandes razões que me levou a fazer este livro prende-se com a necessidade de inscrever o real, escavar o que normalmente está enterrado e apenas emerge em conversas subterrâneas. É fundamental, em Ponte da Barca, encerrar um capítulo, uma história que parece mostrar mais coisas más do que coisas boas. Pretendo por isso gerar um conjunto de ressonâncias internas nos barquenses, possibilitando a emergência de um novo «estado nascente», uma historicização que permita uma nova perspectiva para encarar as novas realidades da vida contemporânea. Pretendo assim dar o mote para a entrada num espaço democrático que se pretende renovado, mais plural, mais aberto, mais activo, menos passivo. Pretendo expor o real para mostrar que não vale a pena ter medo de o enfrentar à superfície. Afinal de contas, só quando percebemos claramente o real é que se torna possível aceitar os erros, as críticas e a necessidade de mudança.

Este livro deriva de um conjunto de estudos feitos sobre Ponte da Barca, quer elaborados em meu nome ou elaborados por outros investigadores sociais. Não foi encomendado por nenhuma força ou grupo de poder. Partiu da minha vontade individual oferecer este livro aos barquenses, para que este chegue ao maior número possível de leitores. No máximo, poderia dizer-

se que este livro resulta do interesse da maioria dos locais, mas uma maioria que raramente tem voz, que raramente é ouvida, mas que aqui reconhece o seu eco.

Quero também acrescentar algo sobre a dificuldade de um trabalho desta natureza. Ser, ao mesmo tempo, investigador e participante do objecto de estudo implica constrangimentos complexos. Sou membro e ao mesmo tempo devo afastar-me para não ser influenciado por nenhum grupo de poder. É uma tarefa complexa, e por isso quero acrescentar que tentei ser o mais objectivo e concreto possível, sempre sem o objectivo de colocar em causa a integridade individual dos agentes envolvidos. Evitei a individualização na análise, abordando o real sempre sob uma perspectiva social e nunca individual.

Leiam, reflectam e tentem observar novamente a partir desta análise. A evolução humana faz-se disto mesmo: encaixar o real, assimilar as virtudes e as críticas através da espiral da humildade e da honra, deixar ressoar internamente o que capturamos sobre os assuntos, e libertar o nosso verdadeiro «eu» rumo à confrontação com o futuro. Assim é possível aumentar a harmonia social.

Pedro Costa, Novembro de 2010